VENCEDORES

A quarta edição dos Prémios Saúde Sustentável distinguiu entidades do Norte e de Lisboa pelo seu trabalho na gestão eficiente de recursos, poupança de custos e apoio aos doentes.

CUIDADOS PRIMÁRIOS
Unidade Local da Saúde do Nordeste
Com um arquivo de exames ligado a dez centros de saúde e hospitais da zona de Bragança, a Unidade Local de Saúde do Nordeste evita repetições de exames e encaminhamentos de utentes, diminuindo os custos associados e apostando numa complementaridade dos serviços.

CUIDADOS CONTINUADOS
AMETIC - Apoio Móvel Especial à 3.ª Idade
Painéis solares, utilizar a água de dois furos para as lavagens e autoclismos, uma sala para jantares de família e sobretudo procurar que os utentes se esqueçam que estão doentes e se sintam num hotel. Estas são as particularidades que distinguem o Complexo de Santa Bárbara, a funcionar desde 2001 e adquirido em 2010 pela AMETIC - empresa que gere também a ROLLAR, em Setúbal, e o Fátima SPA Club - estando integrado na Rede Nacional de Cuidados Continuados Integrados (RNCCI).

CUIDADOS HOSPITALARES
Hospital de Braga
Inaugurada em 2011, a instituição conta com uma gestão de segurança e higiene dos espaços públicos que permite uma redução do risco de infecção, o que se traduz numa poupança de antibióticos. O hospital destaca ainda a iniciativa "enfermeiro de referência", que nomeia um enfermeiro como responsável pela articulação nas etapas multidisciplinares. Um processo que acompanha o utente antes do internamento até ao pós-alta.

OUTRAS CATEGORIAS
Associação Nacional de Farmácias
Iniciado em 1993, o programa de troca de seringas evitou milhares de infecções pelo vírus da sida devido à partilha de seringas entre utilizadores de drogas injectáveis. Foram distribuídas 51 milhões de seringas. A poupança pode ter chegado a 2.000 milhões de euros.

A sustentabilidade do SNS passa pela eficiência

Pela 4.ª edição, o Negócios destacou boas práticas em saúde, em parceria com a Sanofi. Na entrega dos prémios, Leal da Costa, secretário de Estado adjunto da Saúde, saudou "o uso crescente da palavra eficiência" no SNS.

LILIANA BORGES
lilianaborges@negocios.pt
BRUNO SIMÃO
Fotografia

Numa edição que contou com quase o dobro das inscrições, o Prémio Saúde Sustentável, uma iniciativa do Negócios e da Sanofi galardoou quatro projectos e instituições que se distinguiram pela inovação, numa altura em que um país ainda em austeridade nos exige que sejamos criativos e façamos mais com menos. Leal da Costa, secretário de Estado adjunto do ministro da Saúde, aproveitou a a cerimónia de entrega dos prémios, que decorreu esta terça-feira, em Lisboa, para sublinhar que "é preciso que as discussões sobre a saúde sejam feitas sem tabus e sem o sistemático politicamente correcto".

Para o secretário de Estado, a distribuição geográfica dos vencedores do Prémio demonstra um "contínuo no espaço", garantido "equidade a quem dela precisa". Sobre a sustentabilidade do Sistema Nacional de Saúde (SNS) alerta para o consenso político sobre a impossibilidade de "injectar mais dinheiro, mais que não seja por só poder ser obtido por crescimento económico e não através de impostos"'. "Vejo com algum agrado o uso crescente da palavra eficiência no léxico", disse Leal da Costa, acrescentando a necessidade de criar condições para que a sociedade se liberte do peso público e seja mais criativa, garantindo produtividade com qualidade.

António Couto dos Santos, vice-presidente da Comissão de Saúde, vê no desafio causado pelo ajustamento económico-financeiro dos últimos quatro anos algumas notas positivas para a área da Saúde, uma vez que "conduziu o sector a fazer aquilo que se evitava fazer" e incentivou os gestores a "gerir de forma mais eficiente sem diminuir a qualidade".

Também Pedro Pita Barros, economista e membro do júri, começou por destacar que os indicadores de Saúde não pioraram. O que evitou esse colapso, garante, foi o ajustamento do sector, com a redução dos salários e ajustamentos nas organizações.

Sobre isso, o presidente do conselho de administração do Centro Hospitalar e Universitário de Coim-

IV Edição do Prémio Saúde Sustentável
Uma iniciativa do Negócios em parceria com a Sanofi.

Leal dos Santos, secretário de Estado adjunto da Saúde (ao lado), afirmou, na cerimónia de entrega dos prémios Saúde Sustentável, que decorreu terça-feira em Lisboa, que não é possível injectar mais dinheiro no Sistema Nacional de Saúde sem que a economia cresça. Painel (em cima) debateu a eficiência na gestão do SNS, deixando um elogio aos profissionais do sector.

bra (CHUC), José Martins Nunes, acredita que existe uma dívida para com os profissionais de Saúde, que "tiveram uma motivação enorme para defender o SNS". Agora, diz, é tempo de entrar no campo da inovação. "Para um Estado pequeno, ou com dificuldades, é fácil ser aprisionado por organizações internacionais, quer sejam farmacêuticas ou outras". Para o contornar, "Portugal deve transformar o capital em valor". Isto é, transformando um hospital que é exclusivamente de serviços em serviços e produtos. Sem embargo disso, o economista Pita Barros alertou que essa sustentabilidade das instituições não garante necessariamente a sustentabilidade do SNS.

Couto dos Santos alertou ainda para a importância de os números e a economia não se sobreporem à política, questionando a sua influência no debate político e nas medidas a longo prazo que "deixam de se ver". O vice-presidente da da Comissão de Saúde destaca ainda que é preciso envolver os utentes nos processos de reestruturação, que "geram um mal-estar por não estarem informados". Além disso, destaca que é necessário conhecer as instituições, o que passa por "transformar os actores da reforma nos autores da reforma".

A mesma opinião partilha a antiga ministra da Saúde e jurada do Prémio, Maria de Belém, acrescentando que o ministério das Finanças "não pode tratar os recursos humanos da Saúde como trata os recursos humanos de outras áreas" . "Temos de ter muito cuidado com esta cadeia que é muito hierarquizada e não se pode desmembrar, sob pena de depois não funcionarem bem as coisas".

Leal da Costa antecipa "escolhas difíceis" para o futuro do SNS e "discussões que vão obrigar a um novo pensamento sobre a forma de tratar". ■

Sobrinho-Simões defende sistema de avaliação

O vencedor do Prémio Personalidade Saúde Sustentável reclama alterações no sector, que devem passar por uma reestruturação da rede hospitalar e por um sistema de avaliação.

Em 1947 nascia no Porto Manuel Sobrinho-Simões, um dos mais notáveis cientistas portugueses. O Prémio Personalidade Saúde Sustentável junta-se a uma já vasta colecção de prémios que acompanhou a sua carreira académica e profissional. Director do Instituto de Patologia e Imunológica Molecular da Universidade do Porto (IPATIMUP), que criou em 1989, é ainda professor em várias instituições, tanto nacionais como internacionais e autor e co-autor de vários livros e artigos científicos.

Para o médico são necessárias restruturações importantes, começando pela avaliação dos serviços e especialmente de organizações e centros de referência, "recompensando o mérito e punindo quem não o tem". O director do IPATIMUP defende a importância de uma restruturação da rede hospitalar. "Temos de diminuir os hospitais e torná-los mais eficientes e especializados e ao mesmo tempo aumentar a rede de cuidados primários de saúde e os cuidados continuados e paliativos", afirma.

O Prémio Personalidade criticou ainda a falta de comunicação entre as instituições de saúde, afirmando que Portugal "é um país minifundiário e corporativo", o que tem dificultado as reformas necessárias na Saúde.

"Eu já tenho alguma idade, mas o legado de pessoas que trabalham comigo ainda dá para algumas décadas." Para o médico, o segredo da distinção está em criar condições para ter uma equipa muito boa, mas reconhece que essa é uma tarefa dificultada com o actual quadro económico-social. "Temos de lhes dar condições de trabalho melhores, temos que pagar melhor", acredita Sobrinho-Simões.

A falta de organização e a necessidade de "fazer muitas tarefas que do ponto de vista da recompensa profissional não são muito agradáveis" e "a proletarização da profissão", com cada vez menos tempo e disponibilidade, tem debilitado as estruturas.

Ainda assim, acredita que a área da Saúde não é a mais prejudicada com as restrições impostas nos últimos anos e aposta no "primar da eficiência". "A boa notícia é que há muito espaço para melhorar, mas vai ser difícil fazê-lo se não introduzirmos a tal reorganização, que passa também pela comunicação e os mecanismos de avaliação." ■

LILIANA BORGES

O que temos é um país minifundiário e corporativo. E a junção do minifúndio com a corporação tem tornado muito difícil fazer reformas na área da Saúde. Há muito espaço para melhorar.

SOBRINHO-SIMOES
Director do IPATIMUP e vencedor do Prémio Personalidade 2015